

REDES SOCIAIS COMO MEDIADORAS DA COMUNICAÇÃO SOCIAL: um estudo sobre o documentário o dilema das redes

André Lucas Vidal Melo (IC) e Dra. Mirtes de Moraes Correa (Orientador)

Apoio: PIBIC CNPq

RESUMO

Em 2020, a Netflix produziu e lançou o documentário O Dilema das Redes em sua plataforma, que se propunha a expor um problema que permeava e ainda permeia as Redes Sociais, este é seus algoritmos intrusivos e manipuladores e suas consequências sociais. Este documentário é um dos muitos produzidos pela Netflix, sendo um dos mais populares dentre eles, alcançando milhões de pessoas; estando na plataforma de streaming mais popular do mundo, com mais de 232 em maio do ano de 2023. Quando se propõe a explicar um tema tão complexo quanto as relações sociais de um produto tecnológico em uma plataforma tão socialmente abrangente quando a Netflix, é necessário pensar em nas ramificações epistemológicas e estrutura de narrativa tanto do documentário quanto a dos processos feitos para sua produção para que a defesa gerada possa ser idônea para adicionar ao conhecimento popular. Por isso este estudo foi feito, estudando filósofos e cientistas sociais e tecnológicos respeitados para fazer uma comparação entre o que foi dito no documentário O Dilema das Redes e o que estes pensadores propuseram em seus estudos e como eles conversam entre si, assim como suas posições sobre assuntos não abordados no documentário, mas que seria uma importante adição considerando os pontos expostos.

Palavras-chave: Cibercultura, Netflix, Documentário

ABSTRACT

In 2020, Netflix released the documentary The Social Dilemma on its platform, which was set out to expose a problem that have permeated and still permeates social media, this is its intrusive and manipulative algorithms and the social consequences that comes with it. This documentary is one of many produced by Netflix, being one of the most popular among them, reaching millions of people; on the most popular streaming platform in the world, with more than 232 in May 2023. When it comes to explaining a complex topic as the social relations of a technological produce on a platform with the reach like of the Netflix, it is necessary to think in the epistemological ramifications and narrative structure of both the documentary and the procedures used for its production, so that the defence generated can be suitable to add in the social knowledge. That is why this study was carried out studying philosophers and social/tech scientists to make a comparison between what was said in the documentary The Social Dilemma and what these thinkers have approached in their studies and finally how they interact

with each other, as well their positions about subjects not seen in the documentary, but those which would be an important addition considering the exposed points.

Keywords: Ciberculture, Netflix, Documentary

1. INTRODUÇÃO

O mercado de entretenimento tem crescido exponencialmente e de forma massiva desde o início do século. Com a criação de redes sociais com Tik Tok, Instagram e Youtube, em 2023 este mercado está com um valor de 2,32 trilhões de dólares (cerca de 11,1 trilhões de reais). (STATISTA, 2023)

Com a finalidade de acompanhar esse crescimento, a Netflix, empresa hoje que lidera o mercado de *streams*, investe consideravelmente neste gênero. Porém, como citada por Samuel Cook, a empresa apresenta mais de 1.500 títulos produzidos, e por isso depende dos produtores audiovisuais para criação de conteúdo (COOK, 2023). Tendo em vista essa constatação, a pergunta-problema desse artigo se estabelece: Como a produção audiovisual da Netflix pode contribuir para a expansão da visão do consumidor comum sendo que ela não tem recursos suficientes para fazer uma inspeção criteriosa sobre todos eles?

Este é um estudo de caso do documentário O Dilema das Redes em que se pretende buscar informações a partir da base de estrutura audiovisual e narrativa, assim como as informações dadas sobre o assunto das Redes Sociais e compará-las com materiais científicos buscando assim, analisar a relação entre eles e as defesas dos tópicos abordados de forma a embasar uma possível resposta para esta pergunta.

Tendo como o base o livro Fundamentos da Metodologia Científica, que aborda processos de estrutura no estudo científico, esse artigo busca se basear nos passos determinados, para que então se tenha um impacto positivo para a discussão sobre o tema; nesse sentido, o desenvolvimento percorre o seguinte caminho: estabelecimento do problema (que é a pergunta da pesquisa e é o que ela terá que responder), criação de conjecturas (suposições para a resposta do problema), tentativa de falseamento (que são os testes que provam ou não se as conjecturas respondem o problema). O último passo conta com diversas diferentes ferramentas como a relação causa e efeito (que testa para entender se a conjectura estudada realmente causa o que o problema estudado), relação causal-determinista (que mostra que toda vez que algo acontece, causa uma consequência específica) e correlação das variáveis (que é o estudo de impacto de uma variável com a outra). Todas as situações foram apresentadas no documentário sem uma comprovação de uso de tais ferramentas ou tentativa de falseamento. (MARCONI; LAKATOS, 2003)

A estrutura do estudo foi feita a partir da análise de ideias propostas no documentário O Dilema das Redes com referências bibliográficas (livros, artigos e matérias) que se propõem a dissertar sobre os assuntos relacionado a narrativa audiovisual, sociedade e a interação dela na internet. O artigo será composto pela relação entre narrativa, a relação social e pessoal dos usuários com o Ciberespaço, o ser humano como participante dentro da

sociedade política e sua relação com as redes e a relação entre a narrativa e a estrutura da conversa científica.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

O documentário, *O Dilema das Redes Sociais*, foi produzido pela empresa Netflix e lançado em 2020. É um compilado de entrevistas com pessoas que deixaram de trabalhar em empresas de Redes Sociais/*big data* e outras pessoas que são especialistas e estudiosos da área. Eles discorrem de forma crítica sobre a estrutura e impactos causados pelas Redes Sociais e seus algoritmos. (ORLOWSKI, 2020)

No que se refere a cinematografia, a direção de fotografia do documentário usou de luzes zenitais – muito usadas em quadros em que aparecem santos e deuses, como *Saints in Glory* de Romano Ischia – nas pessoas entrevistadas, que dão um ar de santidade ou iluminação para quem está nela, criando uma iconografia similar à de heróis. Quando foram usadas luzes nas personagens que representavam os algoritmos, eram anti-zenitais, que gera um sentimento macabro e/ou assustador. Exemplos destas configurações de luz podem ser vistas do minuto 0 ao minuto 18. (ORLOWSKI, 2020)

A direção de som foi feita por Mark Crawford, popular por fazer outros documentários animais e filmes curtos de horror; as músicas feitas para o documentário se assemelham com músicas de filmes de distopias tecnológicas – que são gêneros de filmes em que a humanidade gera um mundo danoso para si mesma a partir de uma ou mais tecnologias problemáticas.

No livro, *Manual do Roteiro*, escrito por um dos mais renomados escritores sobre a área do audiovisual, Syd Field defende que toda produção audiovisual contemporânea de sucesso passa por certos pontos e tem certas características únicas que são essenciais para criação de um roteiro de sucesso. Estas são: necessidade dramática, personagem principal, atos um, dois e três, e pontos de virada um e dois. (FIELD, 2001)

Segundo Field, a necessidade dramática representa o que é importante para a personagem principal e para o mundo, que fará com que as pessoas sejam cativadas pela luta da personagem principal para alcançá-la. A história que permeia o documentário é a da derrota do algoritmo que é nocivo para a sociedade. Por todo o momento personagens estão tentando resolver essa situação e explicando o quanto é perigosa e ruim para todos os envolvidos, enquanto a personagem principal (Tristan Harris) vai em frente ao problema,

estudando, palestrando e indo contra ele legalmente no final do documentário. (FIELD, 2001, p.15)

Field explica que a personagem principal, nada mais é do que a pessoa ou conjunto que define a perspectiva de como a história será contada e quem faz as ações para se chegar mais próximo de alcançar a necessidade dramática. Por suas características dentro do documentário, a personagem principal é Tristan Harris, percebido por características como a quantidade de tempo de tela maior que a de qualquer outra personagem, pela exposição mais pessoal de sua vida no filme e porque ele que luta diretamente para conseguir resolver a necessidade dramática. (FIELD, 2001, p.27)

Em seu livro, Field expõe que o primeiro ato é quando ocorre a introdução do tema, apresentação da personagem principal da história e da necessidade dramática, e é impulsionada para o ato II a partir de um ponto de virada. O primeiro ato, no caso do documentário, é do início do filme até meados do minuto 23. É neste momento em que os entrevistados do documentário falam sobre a existência do problema, e Tristan Harris é apresentado como personagem principal por sua preparação contra as redes sociais e explanação de sua vida. (FIELD, 2001, p.13-14)

Field define o ponto de virada como um acontecimento que muda a história para outra direção, fazendo com que a dinâmica de personagens seja completamente diferente. Este ponto acontece é quando é deixado no ar a pergunta “O que faremos sobre isso?”, que está implícita no final do ato I com uma mudança de foco da rede social para a vida de Tristan Harris, assim como um texto em tela preta que interrompe o fluxo narrativo. (FIELD, 2001, p.13)

Field diz que o segundo ato é a parte da história que há confrontos que impedem a personagem principal de alcançar a necessidade dramática, mesmo assim o deixando mais perto de a conseguir, com benefícios e vitórias/derrotas pequenas. Esta parte ocorre entre os minutos 23 e 77, onde há especulações e aproximação da personagem principal do tema proposto (tecnologia e algoritmos). (FIELD, 2001, p.15)

O conceito do segundo ponto de virada é o mesmo do ponto de virada I, ou seja, um momento do filme em que a narrativa muda para uma nova configuração. O ponto de virada dois ocorre quando Tristan Harris (no minuto 77), vai tentar enfrentar o tribunal contra as Redes Sociais. (FIELD, 2001, p.13)

Syd Field explica que o terceiro ato é o momento em que ocorre a resolução da história, fazendo a personagem principal ganhar ou perder, conseguindo ou não alcançar a necessidade dramática. No documentário, o terceiro ato acontece entre o minuto 78 até o final, que é quando Tristan Harris defende suas ideias – que foram trabalhadas nos outros atos – e “vence” narrativamente o algoritmo. (FIELD, 2001, p.15-16)

Joseph Campbell foi um renomado estudioso e escritor na área de mitologia comparada. Ele era professor em *Sarah Lawrence College* onde ele estudava e ensinava, entre tantas coisas, como as histórias e mitos contados por todo mundo – mesmo em culturas diversas e que não tinham contato nenhum com nenhuma outra uma com a outra – tem uma base narrativa semelhante e padronizada. Nestes estudos ele entendeu que todas as histórias e lendas que permeiam suas sociedades têm pontos imutáveis, os quais são: o herói, o ogro e a jornada do herói.

O herói é uma pessoa que vence as limitações locais de sua realidade, – podendo ser tribo, estado, país, ou até mesmo um estado mental – embarca em sua aventura para conseguir algo para si ou para o mundo e volta, após isso, transformado por ela e trazendo o que aprendeu, assim como bênçãos e/ou salvação para o mundo. (CAMPBELL, 1997, p.28)

O único que segue a perspectiva conceitual heroica na parte documental do documentário é Tristan Harris, por ser a única personagem dentro do documentário a ir em frente ao problema tentando o resolver; porém na história ilustrativa (que acontece do minuto 3 até o minuto 28), Ben, interpretado por Skyler Gisondo, é o herói, por também ser levado contra o problema central (o ogro), mas não tendo um fim como o de Tristan, perdendo para ele e se tornando um escravo das redes sociais.

O Ogro é alguém, algo ou um conceito que diretamente afeta negativamente o herói e/ou o mundo, e se torna o antagonista da aventura, sendo quem o herói deve derrotar para trazer o bem para a humanidade e para si mesmo. O que, no documentário, mostra a destruição e o mau “encarnado” em ambas as histórias é o algoritmo das redes sociais. (CAMPBELL, 1997, p.28)

A Jornada do Herói é um conceito criado por Campbell que representa a aventura, ou seja, uma série de acontecimentos passados por alguém ou alguma coisa, que todo herói deve passar para conseguir o seu objetivo. (CAMPBELL, 1997)

O livro *O Herói de Mil Faces* se propõe a perceber relações entre histórias e psicologia dos sonhos de forma a relacionar todas as histórias a um mesmo denominador e a um mesmo padrão, como dito anteriormente. É importante fazer esta análise narrativa, porque a forma com que são apresentadas as partes deste padrão podem interferir como enxergamos os fatos declarados, pois o documentário, diferente de um filme de ficção, é considerado uma forma de produção audiovisual baseada na realidade. (CAMPBELL, 1997)

No livro, *O Herói de Mil Faces*, foi explicado com detalhes quais são os passos da jornada do herói, a qual será relacionada ao documentário; estes são: o chamado da aventura, a recusa do chamado, auxílio sobrenatural, ventre da baleia, o caminho das provas, o encontro com a deusa e liberdade para viver. O documentário tem duas jornadas do herói contrastantes em sua composição: uma feita na parte documental e uma feita em uma história fictícia exemplificadora dos pontos discutidos na outra parte.

O chamado da aventura é algo que chame ou leve o herói para a sua jornada. No caso de Tristan, o chamado para a destruição do Ogro (algoritmo das redes sociais), e a libertação da sociedade acontece por própria vontade; já a do personagem Ben (herói da história ilustrativa), é se abster de seu celular – e, tangencialmente das Redes Sociais – como promessa de tê-lo concertado; este chamado é feito por sua mãe e incitado por sua irmã Cassandra. (CAMPBELL, 1997, p.60-65)

A recusa do chamado é quando o herói, por algum motivo, não quer ou não pode entrar em sua própria aventura. Para Tristan Harris, foi sua tentativa nos minutos 9-10 de falar sobre o problema, mas não fazer nada sobre ele; Ben, por outro lado, somente não quer deixar de usar as redes sociais. Tristan, por sua falha anterior, decide então entrar na aventura de cabeça, enquanto Ben é persuadido por sua mãe para entrar em troca de uma nova tela de Smartphone, como mostra os minutos 36-37, o que gera sua falha eventual por estar entrando na aventura não para vencer do ogro, mas sim o fortalecer, entrando ainda mais em seu domínio. (CAMPBELL, 1997, p.66-68):

O auxílio sobrenatural representa a parte da história quando o herói recebe alguma ajuda essencial para lutar contra os problemas que virão. No caso do Tristan, foi a mesma educação técnica das pessoas que fizeram os algoritmos que ele quer destruir/reformar (como mostrado no minuto 23); já Ben não recebeu este auxílio, o que o enfraqueceu ainda mais na luta contra o “Ogro”. (CAMPBELL, 1997, p.73-74)

O ventre da baleia é o momento em que toda esperança acaba e o herói é lembrado de quem é e volta para a aventura renascido e com maior força. No caso de Tristan, isso acontece nos minutos 53-55, onde lembra porque ele está nessa luta, – para salvar a sociedade – embora ainda diga que as redes sociais fizeram “um xeque mate na sociedade”, e sai transformado e pronto pra lutar de uma vez por todas contra o ogro; para Ben, é nos minutos 43-44, quando ele se prende no quarto, ansioso, percebendo que, sem a rede social, ele não sabe como viver e é enfim transformado, mas, diferente de Tristan, ele volta renascido como um zumbi virtual, completamente obediente às redes sociais: não come direito, não tira os olhos do celular, todas suas ações são controladas por elas e são sua única companhia. (CAMPBELL, 1997, p.94-95)

O caminho das provas é quando, na jornada, o herói vai em direção à luta e tenta vencer até conseguir o que queria/precisava desde o início. As lutas de Tristan começam no minuto 78, quando ele chega ao tribunal para poder defender as pessoas do mundo do controle do Ogro (algoritmo das redes sociais); a luta do Ben começa no minuto 69, quando ele vai em direção a um “rally político” por “ordem” das redes sociais, mas como a luta não é dele realmente, ele só está ali como parte de uma horda de “zumbis virtuais”. (CAMPBELL, 1997, p.107)

O encontro com a deusa e a liberdade para viver é quando o herói vence o Ogro e encontra a Deusa, que representa a fonte de vida, ou até mesmo o elixir que resolverá os problemas mais terríveis da sociedade ou de si mesmo. Isto acontece quando Tristan Harris “vence” a ação no tribunal, fazendo uma pessoa apertar alguns botões em um computador, resolvendo simbolicamente todos os problemas dos algoritmos das redes sociais. Sua vitória é tão poderosa que influencia até mesmo Ben, que é liberto de suas amarras (nos minutos 86-89), deixando de ser o zumbi virtual que havia se tornado. (CAMPBELL, 1997, p.116 e 250)

É bom ressaltar que o Ogro (algoritmos malignos) se transforma na Deusa (algoritmos benéficos) – representado pela simbologia da santificação: cores pretas de suas roupas para branca, luz anti-zenital se tornando em zenital e pela disposição, antes maliciosa, para uma agradável e ajudadora – finalizando com a revelação que o Ogro e a Deusa eram sempre faces da mesma criatura, como ressalta Campbell: “O pai e a mãe se refletem um ao outro e são, em essência, a mesma coisa.” (CAMPBELL, 1997, p.135)

Pierre Lévy é um estudioso da ciência da informação e comunicação, sociólogo e filósofo com foco em inteligência coletiva. Ele escreveu Cibercultura como um pedido de

governos europeus para entenderem mais sobre os impactos sociais dos avanços tecnológicos da época. (LÉVY, 1999)

O livro *Cibercultura* fala sobre a relação social e prática do ciberespaço, e é bem otimista quando o assunto são as novas tecnologias, sendo a favor das mudanças da comunicação. É um livro que confronta bastante o que e como foram criticadas as Redes Sociais no documentário. (LÉVY, 1999)

Lévy condena bastante as pessoas que são contra os avanços tecnológicos da comunicação e interação digital, dizendo que o motivo pelo qual são aversos a mudanças é, principalmente, porque as pseudo-elites estão perdendo poder neste novo meio, ou porque faturam no sensacionalismo criado a partir do medo do novo, pois isso gera alteração na interação de poderes da sociedade. (LÉVY, 1999, p.231) Pode-se relacionar este argumento ao fato que os entrevistados que estão duramente criticando as redes sociais no documentário deixaram de trabalhar nas redes sociais, perdendo assim seu poder de mudança dos algoritmos e sua relação com o público. (LÉVY, 1999, p.11-22)

A ideia de que novas tecnologias são inerentemente degradantes para o ser humano não é nova. Até mesmo Sócrates dizia: “[A palavra escrita] cria esquecimento na cabeça dos que aprendem” (PLATÃO, 2013, online). No documentário, a ideia principal é que a tecnologia criada em si se tornou um malefício, e deve ser modificada para deixar de ser problemática.

Para Lévy, este pensamento não faz sentido. Uma ferramenta não pode ser boa ou má. Os avanços não são atores independentes. Dependem de criadores e *sponcers*. Além disso, ele diz que não há como dissociar o ser humano de suas criações: tudo feito pelo ser humano tem características sociais. Ou seja, a tecnologia é condicionante (que permite algo a acontecer a partir dela), não determinante (que causa algo a acontecer).

[...] a emergência do ciberespaço é fruto de um verdadeiro movimento social, com seu grupo líder (a juventude metropolitana escolarizada), suas palavras de ordem (interconexão, criação de comunidades virtuais, inteligência coletiva) e suas aspirações coerentes. (LÉVY, 1999, p.123)

Da forma com que a sociedade vê, quando algo bom acontece por meio da tecnologia, é responsabilidade dos criadores, mas quando algo ruim acontece, é culpa da criação. (LÉVY, 1999, p.16-28)

O modo com que o documentário aborda o futuro com as redes sociais é extremamente negativa, mencionando que as pessoas nunca aprenderão a lidar com redes sociais, que os serviços estão literalmente matando pessoas, dizendo que estamos em uma distopia tecnológica ou até mesmo que essa tecnologia traz o pior que existe na sociedade. (ORLOWSKI, 2020, min. 41-77)

Até mesmo no final, mencionam guerra civil, ruína da economia e as pessoas literalmente não sobreviverem por causa dessas tecnologias, tudo isso culpa das Redes Sociais. (ORLOWSKI, 2020, min. 80)

Lévy pensa o contrário. Segundo ele, tecnologia gera liberdade, pois permite que pessoas possam fazer coisas que antes não podiam, até com maior participação na sociedade, porque qualquer um pode postar e conversar sobre qualquer coisa, criando um ambiente democrático que seja bom para a melhora da inteligência coletiva. (LÉVY, 1999, p.216-241)

Ele diz, por exemplo, defende que os especialistas confundem sentimentos próprios com realidade, difundindo o medo, como foi feito em toda criação de novas tecnologias da comunicação; e ainda escreve com todas as palavras “O temor da “desrealização” do mundo é infundado”, até porque não é a primeira vez que o fim do mundo por meio de tecnologias foi previsto. (LÉVY, 1999, p.223-234)

A mídia, por seu lado, gosta do sensacionalismo, porque – por motivos que até podem ser revolucionários – são conteúdos mais procurados pelos consumidores, então é possível hipotetizar que a Netflix, mesmo sendo uma empresa que usa de algoritmos similares, escolheu produzir este documentário, porque sabia que iria ganhar dinheiro em cima do sensacionalismo. (LÉVY, 1999, p.203)

Aristóteles foi um dos maiores nomes da filosofia clássica, assim considerado como um dos pais dos estudos políticos e dos estudos da comunicação. Assim como seus contemporâneos, acreditava na deliberação conjunta de ideias a partir de discussões abertas ao público, onde, a partir da lógica, conseguiriam responder as perguntas sobre diversos temas caso entrassem em um acordo irrefutável.

O livro *A Política* é uma dissertação de Aristóteles sobre o que constitui um estado e seus cidadãos, assim como a forma com que ele deve se configurar para trazer benefícios sociais para todos os envolvidos nele. Este livro traz contribuições para o assunto, porque não

está preso a sociedade local, mas abrange o conceito de política que pode ser usado para aplicação em quaisquer áreas sociais, inclusive digitais. Ele foi usado para traçar um paralelo sobre a sociedade constituída dentro das redes sociais, fazendo uma relação delas com as cidades aristotélicas e comparando, segundo Aristóteles, as qualidades de um bom estado. (ARISTÓTELES, 2006)

Aristóteles tem uma forma de ver o estado que faz dele não “uma comunidade de lugar” (ARISTÓTELES, 2006, p.55), mas uma sociedade com certas características próprias, que pode ser expandido até mesmo para as Redes Sociais, as considerando estados cibernéticos:

O Estado ou Cidade é uma sociedade de pessoas semelhantes com vistas a levar juntas a melhor vida possível. Sendo, portanto, a felicidade o maior bem e consistindo no exercício e no uso perfeito da virtude, e sendo possível que alguns participem muito dela e outros pouco ou absolutamente nada, esta diversidade teve necessariamente que produzir várias espécies de Estados e de governos, segundo o gênero de vida e os meios que cada povo emprega para alcançar o bem-estar. (ARISTÓTELES, 2006, p.96)

Mas, neste caso, nem todos os usuários seriam considerados cidadãos deste estado virtual. Aristóteles dizia que “é cidadão aquele que, no país em que reside, é admitido na jurisdição e na deliberação”. Muitos usuários não se enquadram neste conceito, porque não participam nas regras e legislação de seu “estado”. A única coisa que podem fazer é apontar coisas que previamente já são ilícitas nas redes; mas isto não significa que as redes sociais não se enquadrem como um governo, mas sim que são um que tenta iludir seu povo e é, provado por isso, maligno, como diz Aristóteles:

Quem quer que não participe dela, com efeito, é como um estrangeiro que acaba de chegar. Se em algum lugar escondem esta distinção, fechando os olhos sobre os domiciliados que usurpam a qualidade de cidadão, é para iludi-los e disfarçar sua malignidade. (ARISTÓTELES, 2006, p.47)

A maioria dos usuários, então, são tratados como estrangeiros dentro desta deste contexto cibernético; mas eles permanecem neste “estado”, porque, como Aristóteles mesmo diz, o ser humano é uma criatura social, portanto ele buscaria participar de uma sociedade mesmo se não o precisasse, desde que não seja sofrível o suficiente para se afastar. (ARISTÓTELES, 2006, p.53)

A existência deste estado virtual pode ser explicada também por Marshal McLuhan, quando ele defende que a tecnologia permite que nosso corpo e mente se estenda para diversos locais do mundo, podendo participar socialmente de algo que não esteja geograficamente perto; e a globalização faz alcançar e juntar pessoas de todo mundo, para depois criar estes grupos pequenos, que podem até ser considerados estados virtuais. (DUGNANI, 2018, 2019)

Segundo Aristóteles, para um bom estado existir, precisa primeiro ter a virtude como principal objetivo e molde de estruturação. Como as empresas de Redes Sociais e *big data* têm como primordial visão gerar lucro ou prestar um serviço para seus usuários, as Redes Sociais se tornam então, segundo ele, um estado ruim e incapaz de gerar boa vivência. (ARISTÓTELES, 2006, p.54)

Caso as Redes Sociais tivessem como principal objetivo a virtude, ainda teriam que resolver outro problema gerado pelo seu estado, que é a quantidade de pessoas em suas plataformas; Aristóteles dizia que isso é um empecilho para um bom governo: “É difícil [...] que um estado ou até mesmo uma cidade muito povoada seja bem governada”, porque se torna dispersa e é difícil gerar segurança e leis que façam sentido para cada parte social delas. (ARISTÓTELES, 2006, p.86)

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como citado previamente, o documentário O Dilema das Redes foi produzido pela plataforma e empresa de *streaming* Netflix, e nele é discutido o uso de algoritmos da rede para criar vício e serem usados dados pessoais para fazer uso propagandas invasivas; porém, a partir do final de 2022, a Netflix abriu seu acesso com propagandas, usando o mesmo tipo de algoritmos que são duramente criticados no documentário, gerando ironia de sua presença no catálogo da plataforma. Por ser feito para públicos maiores, o documentário não se aprofundou em nenhum dos temas propostos, apontando poucos dados científicos que sustentem o que foi dito, se apoiando no argumento *ad verecundiam* (apelo à autoridade) para convencer o público. Materiais aceitos na comunidade científica foram ignorados para se criar uma estrutura de argumentação que não tenha antítese, além do fato que todos os entrevistados concordavam entre si sobre o assunto, agregando assim ainda mais para a parcialidade.

O uso de histórias e jornadas do herói podem ter sido interessantes para o entendimento do assunto. Pelo estudo de Nick Enfield foi descoberto que pessoas tendem a compreender e aprender melhor assuntos com o uso de histórias e narrativas, e que devemos usar mais deles em conteúdos científicos. Porém, a forma com que foi feita neste documentário, com o uso de luzes, músicas e jogo de câmera e cortes, os entrevistados foram

colocados como seres santos – principalmente Tristan Harris – que estão lutando para salvar o mundo – que no momento são compostos somente de escravos e zumbis digitais – do “terrível monstro” que são os algoritmos das Redes Sociais. Estas mesmas técnicas em conjunto com as coisas que falaram os entrevistados também foram usadas para gerar uma atmosfera de medo generalizado das redes; medo de serem controlados, medo de perderem os filhos para monstros criados para monetizar pessoas. Nenhuma destas técnicas ajudaram para agregar a uma conversa científica saudável ou até mesmo fatural. (ENFIELD, 2018)

A forma com que o documentário foi feito e a cosmovisão demonstrada nele é mais parecida com o que Umberto Eco chama de *apocalípticos*, ou seja, pessoas que acreditam que as mudanças que acontecem na sociedade só trarão coisas ruins, até causar o fim do mundo, em outras palavras, o apocalipse. Esta forma de pensar e expor pensamentos torna difícil a melhora da sociedade, porque não traz soluções que integram o que é existente na sociedade atual, mas sim um puritanismo digital, no qual as pessoas têm que se adequar ao que é apresentado por eles como certo e puro. Recentemente a LGPD (Lei Geral de Proteção de Dados) foi instaurada e diversas leis internacionais estão sendo discutidas para diminuir a captação de dados, mostrando que a sociedade pode integrar soluções sem excluí-las da realidade. (ECO, 1993)

O documentário não conta com comunicação das empresas de *big data* as quais estão sendo abordadas e não há opiniões diferentes sobre as redes sociais serem nocivas e problemáticas; o documentário alega, em alguns momentos, que é um potencializador de da verdadeira maldade humana, cria doenças mentais e discórdia entre as pessoas, podendo causar guerras civis e até a literal destruição do mundo.

A estrutura do documentário não inclui estudos e/ou pesquisas embasando o que foi dito, sendo composto de opiniões e vivências pessoais dos entrevistados; além disso, como dito acima, há uma falta da comunicação das empresas que criaram e mantêm as Redes Sociais das quais estão diretamente criticando e discorrendo sobre, fazendo as informações expostas serem parciais em favor da narrativa contra as Redes Sociais, seus algoritmos e modelo de negócios.

O documentário ajuda ao consumidor comum e que não conhece o tópico a entender e estabelecer uma opinião sobre os problemas básicos que provém das Redes Sociais, assim como dá a eles uma grande gama de informações sobre a perspectiva dos ex-funcionários que trabalharam nos projetos que geraram estes problemas sobre a forma com que as empresas abordadas estão trabalhando, porém não considera que as Redes Sociais são uma sociedade de pessoas, mas sim como se fosse uma entidade separada que, ao invés de conectar pessoas, as controla. Mesmo que as Redes Sociais mostrem mais próximas de uma

oligarquia do que uma república, a existência de uma sociedade que se mostra existentes e se desenvolve dentro dela é um assunto que não pode ser simplesmente desconsiderado.

Ademais, o documentário criou uma narrativa onde as pessoas que são contra as Redes Sociais são heróis e os que os algoritmos são os monstros somente vencidos pelos por eles, não considerando as empresas criticadas e seu parecer ético, assim como cientistas sociais e antropológicos que já haviam dissertado e publicado textos respeitados sobre facetas do tópico, criando uma distância entre o argumento científico e esta produção audiovisual.

4. REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. **A política**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

CAMPBELL, Joseph. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Editora Pensamento Ltda., 1997.

COOK, Samuel. **Netflix statistics & facts that define the company's dominance in 2023**. Maidstone: Comparitech, 14 jun. 2023. Disponível em: <<https://www.comparitech.com/blog/vpn-privacy/netflix-statistics-facts-figures/>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

DUGNANI, Patricio. **Globalização e desglobalização: outro dilema da Pós-Modernidade**. Porto Alegre: Revista Famecos v. 25, 2018. Disponível em: <<https://doi.org/10.15448/1980-3729.2018.2.27918>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

DUGNANI, Patricio. **Meios de Comunicação: Extensão e Alienação**. Palmas: Revista Observatório v. 5, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v5n4p481>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. 5. ed. São Paulo: Editora Perspectiva S.A., 1993.

ENFIELD, Nick. **Our job as scientists is to find the truth: But we must also be storytellers**. Londres: The Guardian, 20 jul. 2018. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/jul/20/our-job-as-scientists-is-to-find-the-truth-but-we-must-also-be-storytellers>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

FIELD, Syd. **Manual do roteiro: os fundamentos do texto cinematográfico**. 14. ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 1999.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 1. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

PLATÃO. **Phaedrus**. Salt Lake City: Project Gutenberg Literary Archive Foundation, 2013. Disponível em: <<https://www.gutenberg.org/files/1636/1636-h/1636-h.htm>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Statista. (2023). **Value of the entertainment and media market worldwide from 2018 to 2027 [banco de dados]**. Disponível em: <<https://www.statista.com/statistics/237749/value-of-the-global-entertainment-and-media-market/>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

The Social Dilemma. Direção: Jeff Orlowski. Produção de Larissa Rhodes. Estados Unidos: Netflix, 2020. 89 min. Disponível em: <<https://www.netflix.com/title/81254224>>. Acesso em: 02 ago. 2023.

Contatos: andre.lv.melo@outlook.com e mirtes@mackenzie.br